

Autores | Authors

Eliani Conceição da Silva  
Ferreira\*

[eliani.ferreira@gmail.com]

Amaral Rodrigues Gomes\*\*

[amarodri@gmail.com]

**A PANDEMIA E SEUS IMPACTOS NA  
EDUCAÇÃO BRASILEIRA: A MAXIMIZAÇÃO  
DA DESIGUALDADE SOCIAL****THE PANDEMIC AND ITS IMPACTS ON BRAZILIAN  
EDUCATION: MAXIMIZING SOCIAL INEQUALITY**

**Resumo:** Ao partir das análises sobre educação realizadas por Mills (1982) e Freire (2001), o presente artigo tem como objetivo trazer uma breve revisão da literatura referente ao tema **ensino remoto na pandemia**, de modo a tecer uma análise dos principais pontos trazidos por Martins e Almeida (2020), Sampaio (2020) e Nogueira (2020), entre outros, que discutem, em estudos recentes, a questão na perspectiva crítica. Aqui, buscou-se desenvolver uma pesquisa bibliográfica de modo a comprovar a hipótese teórica de que o ensino remoto, pelo menos na realidade brasileira, evidencia as desigualdades sociais e, por isso, pode ser prejudicial para o bem-estar social a médio e longo prazo. Buscou-se uma resposta para o seguinte questionamento: **O ensino remoto é realmente a melhor opção para a educação brasileira frente à realidade imposta pelo novo coronavírus?** As respostas para a pergunta apontam vantagens e desvantagens do ensino remoto. Algumas vantagens são a interação entre estudantes e professores feitas por meio de encontros virtuais e a não paralisação total dos estudos. A precarização do ensino ocasionada pela falta de aparatos tecnológicos para estudantes e professores, bem como o adoecimento de parte dos docentes são exemplos de desvantagens.

**Palavras-chave:** Pandemia Covid-19, Educação Brasileira, Ensino Remoto.

**Abstract:** This article aims to bring a brief systematic review of the literature on remote education in the pandemic to make a brief critical analysis of the main points brought by scholars on this subject. We aimed to develop the research to prove the theoretical hypothesis that remote education potentiates social inequalities at least in the Brazilian reality. Therefore, it can be detrimental to social well-being in the medium and long term. Thus, we sought an answer to the following question from the critical analysis of the theoretical framework: **is remote education the best option for Brazilian education in face of the reality imposed by the new coronavirus?** To answer this question, we developed a detailed search for the most recent studies on the subject to bring a concise and coherent theoretical foundation for the conclusions at the end of the review.

**Keywords:** Covid-19, Brazilian Education, Remote Education.

Recebido em: 28/01/2021

Aceito em: 03/05/2021

## INTRODUÇÃO

Ao ter em vista a questão da pandemia da covid-19, que tem causado uma série de limitações de locomoção das pessoas por conta da capacidade de transmissão do vírus, as escolas foram fechadas e as aulas presenciais suspensas. De acordo com a British Broadcasting Corporation (BBC)<sup>1</sup>, o Brasil, em 6 de abril de 2021, bateu um recorde trágico na pandemia com 4.195 mortes por covid registradas em 24 horas. É nesse sentido que alguns textos como *A promessa* (em *A Imaginação Sociológica*), de Mills (1982), e *Carta de Paulo Freire aos professores*, de Freire (2001), podem auxiliar na análise sobre a educação brasileira, as questões sociais impostas pela pandemia e as políticas adotadas pelos governantes brasileiros, principalmente em nível federal.

No início do ano de 2020, o povo brasileiro foi atingido definitivamente pela Covid-19 que teve seu primeiro caso registrado na China e se espalhou pelo mundo. A partir disso, como medida de contenção, escolas, comércio e todos os setores considerados não essenciais foram fechados e as pessoas orientadas a ficar em suas residências em quarentena com a finalidade de evitar maior proliferação do vírus. Escolas e universidades públicas e privadas suspenderam o primeiro semestre letivo e tiveram que pensar em como retornar às atividades acadêmicas no ano de 2020 (BBC NEWS, 2020).

Pais, professores e estudantes ficaram se questionando a respeito de quais seriam os possíveis prejuízos acadêmicos para toda a comunidade escolar em razão da impossibilidade das aulas presenciais. Decerto, muitos professores e estudantes foram obrigados pelas circunstâncias materiais a aderirem à modalidade educacional a distância. No entanto, de acordo com o Andes<sup>2</sup> (2020), o ensino a distância trará prejuízo à manutenção do direito à educação, principalmente em um país como o Brasil em que a desigualdade social é acentuada e os estudantes e até mesmo os docentes têm dificuldades de acesso aos mecanismos que possibilitam que o ensino aconteça de modo efetivo como, por exemplo, *internet*, *notebooks*, *tablets* e computadores, que são instrumentos essenciais para a execução das atividades do denominado ensino remoto por meio das TICS (Tecnologias da Informação e Comunicação).

De todo modo, quase todos tiveram que aprender a usar ferramentas tecnológicas, como plataformas, programas de webconferência, edição e gravação de vídeos, entre outros, para que o ano letivo tivesse continuidade, o que vem gerando des-

conforto para professores, estudantes e para as famílias que se viram na necessidade de auxiliar seus filhos, contratar serviços de *internet*, adquirir equipamentos tecnológicos etc. para poder proporcionar a manutenção dos estudos de seus filhos ou dos seus próprios estudos.

Nesse contexto, este artigo teve o objetivo de compreender as respostas para a seguinte pergunta: **O ensino remoto é realmente a melhor opção para a educação brasileira frente à realidade imposta pelo novo coronavírus?** As respostas apontam vantagens e desvantagens do ensino remoto. A metodologia adotada foi pesquisa em *sites*, livros e artigos acadêmicos sobre a temática abordada neste estudo, além de entrevista com dois docentes, sendo um da Educação Infantil e outro do Ensino Fundamental - Anos Iniciais.

## A EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

A educação brasileira já é tema recorrente nas discussões principalmente de cunho político e sociológico. Com a chegada da pandemia do novo coronavírus, a pauta ficou ainda mais recorrente. Uma das primeiras medidas tomadas pela maioria dos governadores das unidades federativas do Brasil foi a imposição do isolamento social, de modo que as atividades essencialmente presenciais foram quase que totalmente suspensas. É nesse sentido, então, a preocupação da grande massa frente à nova realidade da educação, uma vez que:

Entre os quase 56 milhões de alunos matriculados na educação básica e superior no Brasil, 35% (19,5 milhões) tiveram as aulas suspensas devido à pandemia de Covid-19, enquanto que 58% (32,4 milhões) passaram a ter aulas remotas. Na rede pública, 26% dos alunos que estão tendo aulas on-line não possuem acesso à internet. (AGÊNCIA SENADO, 2020)

A partir do fechamento das escolas por conta da pandemia mundial instaurada em 2020, a educação de todos os estudantes do país se viu atingida, sejam eles da educação básica ou do ensino superior da rede de ensino público e privado. Diante da questão posta, passou-se a discutir como ficaria o calendário escolar do ano de 2020, visto que tanto estudantes quanto instituições não almejam a perda de um ano letivo por completo.

Assim, estudiosos e gestores públicos passaram a defender o ensino remoto como uma alternativa para que os estudantes não tivessem prejuízos acadêmicos. E, assim como nas alterações dadas a partir das Revoluções Industriais, em que os meios de produção foram drasticamente alterados, os pais passaram a ser professores, os professores se tornaram produ-

1 British Broadcasting Corporation Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56661590/](https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56661590) acessado em: 15/04/2021.

2 Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior

tores de vídeo e, assim, foi acontecendo a metamorfose do processo educacional. Como afirma Mills, (1975, p. 9), “quando uma sociedade se industrializa, o camponês se transforma em trabalhador; o senhor feudal desaparece, ou passa a ser homem de negócios”. Nesse caso, o pai passou a ser o “professor” e a escola, que seria o senhor feudal do processo educacional, teve seu papel distanciado da realidade dos estudantes.

Nesse sentido, segundo Martins e Almeida (2020), a nova realidade da educação tem se mostrado deveras desafiadora, uma vez que apresenta uma realidade totalmente diferente de tudo que já era conhecido. Diante disso, “professores estão criando dispositivos de ensino por conta própria e estudantes se tornaram autodidatas da noite para o dia” (MARTINS; ALMEIDA, 2020, p. 217). Ou seja, os integrantes do contexto educacional tiveram seus papéis alterados no processo, o que representou um enorme desafio para a realidade de tais indivíduos, dado o despreparo tanto por parte dos estudantes e pais, quanto por parte dos próprios docentes.

Sobre isso, Sampaio (2020), vem dizer que:

É inegável que a manutenção das atividades de ensino durante o período em que se está em casa é crucial para minimizar os prejuízos da ausência das aulas presenciais. Entretanto, ao mesmo tempo em que a proposta de ensino digital e a tecnologia apresentam-se como propulsoras de novos fazeres pedagógicos, trazem efetivas implicações educacionais, o que instiga reflexões imprescindíveis sobre a utilização das textualidades produzidas e acessadas em ambientes virtuais na contemporaneidade (SAMPAIO, 2020, p. 4).

Apesar dessas possíveis complicações, segundo o Ministério da Educação (MEC), o ensino remoto virtual, ainda assim, foi a melhor opção para que o ano letivo não fosse completamente perdido. Segundo o órgão, a recomendação é que todas as aulas sejam substituídas por aulas remotas, com exceção apenas das aulas que fazem parte da grade curricular prática dos estudantes de cursos profissionalizantes e/ou superiores na área da saúde (MEC, 2020).

No entanto, tal idealização do Ministério não leva em conta a realidade diferenciada em que os indivíduos do contexto educacional estão inseridos. Tais dificuldades são tão extensas que perpassam todos os âmbitos da vida dos entes de tal relação, ou seja, são dificuldades tanto em nível profissional e operacional, quanto em nível pessoal e familiar. Sobre isso, Sampaio (2020) sugere que:

Em atendimento a um público de maior poder aquisitivo, por exemplo, algumas instituições de educação, já bem estruturadas e equipadas para a oferta de **ensino a distância**,

passaram a produzir aulas ao vivo, transmitidas habilmente por diversos suportes, além de promoverem atividades interativas para os discentes em plataformas on-line como parte integrante da carga horária dos cursos em andamento. (SAMPAIO, 2020, p. 7, grifos nossos)

Nesse contexto, cabe distinguir o que são aulas remotas, ensino a distância e ensino híbrido, pois são soluções de ensino que ganharam grande destaque por possibilitarem a alunos e professores acesso às aulas, minimizando os impactos dessa pandemia na educação.

### **Ensino remoto, ensino a distância e ensino híbrido**

Para que haja o entendimento construtivo do problema atual, faz-se necessário a diferenciação dos termos EAD (educação a distância), ensino remoto e ensino híbrido.

De acordo com o ANDES (2020, p. 11 - 13), EAD é uma modalidade de ensino em que se faz uso de tecnologias entre professor e aluno, e este último organiza-se quanto aos próprios horários de estudo, apresentando-se somente para realizar as provas propostas pela instituição de ensino. São criados para os professores ambientes virtuais onde possam montar as aulas que serão direcionadas aos estudantes em uma plataforma.

Sobre o ensino remoto, Saviani e Galvão afirmam que:

A expressão **ensino remoto** passou a ser usada como alternativa à educação a distância (EAD). Isso, porque a EAD já tem existência estabelecida, coexistindo com a educação presencial como uma modalidade distinta, oferecida regularmente. Diferentemente, o “ensino” remoto é posto como um substituto excepcionalmente adotado neste período de pandemia, em que a educação presencial se encontra interdita. (SAVIANI; GALVÃO, 2021, p. 31, grifos nossos)

No contexto atual, com o novo coronavírus 19, a modalidade de ensino chamada ensino remoto, que se fez necessário para diminuir o contágio pelo vírus na comunidade estudantil e seus familiares, professores e trabalhadores da educação. Esse ensino caracteriza-se por atividades síncronas e assíncronas, seguindo o calendário escolar anual normalmente e não cancelando o ano letivo. Pelo ensino remoto, professores e alunos podem encontrar-se virtualmente a partir do aplicativo *WhatsApp* ou plataformas de ensino.

Já o ensino híbrido, conforme Christensen, Horn e Staker (2013), é um programa educacional que dá oportunidade ao

estudante de ter parte do ensino de forma *on-line* e outra parte de forma física com uma supervisão fora de sua residência garantida de maneira formal.

## A DESIGUALDADE SOCIAL NO CONTEXTO DO ENSINO REMOTO

No contexto do exposto na seção anterior, cabe a reflexão a respeito de quais são os estudantes mais prejudicados pelas dificuldades apresentadas. Para isso, no entanto, é necessário que sejam analisados, primeiramente, os aspectos da sociedade em que tais indivíduos estão inseridos, de modo que seja possível compreender quais estudantes são mais afetados academicamente pelo ensino remoto e como tal influência é exercida.

De acordo com Martins e Almeida (2020), o ensino remoto, trazendo para o contexto brasileiro, é um intensificador dos processos mantenedores da desigualdade social. Segundo as autoras:

Consideramos a opção de cômputo de atividades pedagógicas não presenciais para fins de cumprimento da carga horária problemática e inapropriada, tendo em vista a desigualdade social brasileira, sobretudo acerca do acesso (ou não) à conexão. Também notamos que essa opção desconsidera o princípio de igualdade de condições para o acesso e permanência na escola, disposto no artigo 206 da Constituição Federal. (MARTINS; ALMEIDA, 2020, p. 216)

Obviamente, tal realidade não é exclusiva do país, no entanto, segundo Sampaio (2020), a discrepância é ainda maior quando estabelecida em países cuja desigualdade social já é parte integrante marcada na história do país, como é o caso do Brasil.

Diante dessas informações elencadas pelo UNICEF, a instituição deixa claro que há um abismo social no que tange ao acesso à educação remota entre as crianças provenientes de classes pobres e de classes ricas em todo o mundo. Além disso, há ainda mais um agravante, a questão de a maioria dos pais de alunos carentes terem baixa escolaridade, uma vez que, de acordo com Alves (2020), “a dificuldade dos pais em orientar as atividades escolares, considerando o nível de escolaridade familiar, especialmente os pais dos alunos da rede pública, também se constitui um entrave nesse momento”.

Portanto, além da desigualdade social e econômica torna-se latente também a dificuldade imposta pelos efeitos da escolaridade da família, o que ocasiona mais um empecilho na aprendizagem das crianças afetadas pela educação remota

imposta pelo covid – 19 a partir da impossibilidade das aulas presenciais. No entanto, muitos pais e mães:

Raramente têm consciência da complexa ligação entre suas vidas e o curso da história mundial; por isso, os homens comuns não sabem, quase sempre, o que essa ligação significa para os tipos de ser em que estão transformando e para o tipo de evolução histórica de que podem participar. Não dispõem da qualidade intelectual básica para sentir o jogo que se processa entre os homens e a sociedade, a biografia e a história, o eu e o mundo. Não podem enfrentar suas preocupações pessoais de modo a controlar sempre as transformações estruturais que habitualmente estão atrás deles. (MILLS, 1982, p. 10)

Nesse sentido, as pessoas das classes pobres muitas vezes não conseguem compreender a motivação das desigualdades e atribuem a um desejo de Deus, por exemplo, quando, na verdade, se deve a uma exploração por parte da classe burguesa sobre o proletariado decorrente do modo de produção capitalista que se instaura pela garantia da propriedade privada.

Demais disso, pode-se dizer que a desigualdade social também está presente na realidade dos gestores das escolas do país. Ou seja, isso significa dizer que a inserção do ensino virtual remoto dentro de escolas cujo poder aquisitivo tanto da empresa quanto dos “clientes” é maior se torna um tanto quanto menos dificultada, uma vez que as possibilidades de investimento em novas tecnologias mantenedoras do processo educacional são mais concretas e presentes do que na realidade das escolas públicas estaduais, por exemplo. Isso é o que se depreende quando Sampaio (2020) afirma que:

Em atendimento a um público de maior poder aquisitivo, por exemplo, algumas instituições de educação, já bem estruturadas e equipadas para a oferta de ensino a distância, passaram a produzir aulas ao vivo, transmitidas habilmente por diversos suportes, além de promoverem atividades interativas para os discentes em plataformas on-line como parte integrante da carga horária dos cursos em andamento. (SAMPAIO, 2020, p. 7)

Nesse viés, localiza-se a questão do ensino remoto no Distrito Federal, onde há uma pequena extensão territorial, sendo onde fica localizado o centro do poder federal. A presença, aqui, de grandes empresários, políticos, personalidades públicas, entre outros, contribui para que a disparidade entre

as classes seja ainda maior, tornando ainda mais difícil o acesso igualitário à educação remota na região.

Antes do retorno remoto por meio da plataforma do *Google Meet*, a Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal ofereceu um ensino a distância disponibilizado por canais de televisão, todavia, eram fechados ou, quando abertos, o sinal não chegava em todas as localidades da Capital Federal.

De acordo com Sindicato dos professores do Distrito Federal SINPRO/DF<sup>3</sup>, em uma pesquisa realizada entre os dias 21 a 31 de maio de 2020 com pais, mães ou responsáveis, concluiu-se que 57,9% dos 460 mil estudantes das escolas públicas não assistiram nenhuma teleaula disponibilizada pela Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal por diversos motivos pessoais e sociais.

Esses dados tornam evidente o processo de elitização da educação trazido pela imersão dos estudantes no ensino remoto, o qual não possibilita oportunidades igualitárias e muito menos condições para que todos os estudantes se sustentem em seu papel de aprendiz, uma vez que, dentro de casa, seu papel é quase que de gestor de família, tendo, muitas vezes, dificuldade para encontrar espaço e tempo para os estudos frente às necessidades da casa e da família em que estão inseridos.

## A PERSPECTIVA DO PROFESSOR DIANTE DO ENSINO REMOTO

Ao partir dos pressupostos percorridos nas seções anteriores, percebe-se que os efeitos do ensino remoto perpassam todas as ramificações da estrutura educacional. Obviamente, os professores são parte essencial de tal estrutura e foram fortemente afetados pelas novas condições de trabalho impostas pelas restrições da pandemia da covid-19.

Segundo Freire (2001), é responsabilidade ética do educador se preparar profissionalmente para a atividade laboral que lhe compete, ou seja, deve ter propriedade para ensinar nas condições que lhe são propostas. No entanto, percebe-se que a maioria dos professores que hoje trabalham de forma virtual com suas turmas não têm formação especializada na área tecnológica. Esse fator dificulta o processo de comunicação entre professor e aluno, que, na maioria das vezes, tem problemas com a utilização dos equipamentos tecnológicos e de sua manutenção.

Além disso, outro aspecto em que o professor se vê prejudicado é em seu processo de formação continuada. Ainda segundo Freire (2001, p. 259), a atividade do professor “exige que

sua preparação, sua capacitação, sua formação se tornem processos permanentes”, ou seja, é necessário que, além do tempo despendido em sala de aula, o professor trabalhe por fora no seu próprio desenvolvimento, tomando também o papel de aprendiz. Apesar disso, esse processo de constante manutenção do aprendizado, com o ensino remoto, se vê quase que impossibilitado, uma vez que, de acordo com pesquisa realizada pela Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) em 2020, para cerca de 82,4% dos entrevistados, houve aumento das horas de trabalho no processo de ensino remoto. Isso acontece em razão da necessidade de processos extras para elaboração, gravação, edição, envio de atividades, além do tempo despendido com as aulas síncronas, assíncronas e elaboração de atividades impressas para quem não tem acesso às plataformas, por exemplo.

Portanto, além da desigualdade social e econômica, fica latente também a dificuldade imposta pelos efeitos da escolaridade da família, o que ocasiona mais um empecilho na aprendizagem das crianças afetadas pela educação remota.

Exauridos com tamanho volume de trabalho, o mínimo que os professores desejam é o retorno por parte de seus educandos. Esse retorno não se dá de forma material ou com as notas, por exemplo, mas pelo próprio processo de aprendizagem. Como dito, o desenvolvimento do intelecto do professor se dá constantemente, o que acontece, inclusive, no momento em que ele ensina. Em parte, isso se dá porque o professor reconhece em seus ensinados as expressões de curiosidade, por exemplo, suas reações às informações apresentadas, entre outros aspectos da comunicação não oral (FREIRE, 2001). Esse processo também se vê fragilizado pelo ensino remoto que impede o professor de ter esse contato direto com as reações de seus alunos e de se desenvolver enquanto profissional a partir da interação à qual já estavam acostumados na sala de aula, tendo em vista que, nas aulas síncronas, nem todos os estudantes participam por falta de conexão de *internet* ou mesmo falta de computador ou mesmo de um *smartphone*.

Obviamente, o processo está dificultado para os professores no que diz respeito ao ensino numa perspectiva libertadora para os estudantes. Ou seja, a imposição de um ensino remoto pela pandemia da covid-19, sem a devida preparação, implica na fragilização da estrutura educacional, culminando na desmotivação tanto de alunos quanto de professores que se veem sem perspectiva de uma real validação dos conteúdos e processos estabelecidos nesse período remoto.

Além disso, o processo educacional básico – da educação infantil ao ensino médio – exige, sem sombra de dúvidas, um contato presencial e físico entre alunos e professores, uma vez que a comunicação é a base para que os processos psicológi-

3 Disponível: <https://www.sinprodf.org.br/pesquisa-mostra-que-ead-nao-tem-como-dar-certo/>. Acesso em: 07/09/2020.

cos essenciais ao desenvolvimento da aprendizagem sejam estabelecidos e adaptados. Segundo Oliveira (1995), citando Vygotsky:

Aprendizagem é o processo pelo qual o indivíduo adquire informações, habilidades, atitudes, valores, etc. a partir de seu contato com a realidade, o meio ambiente, as outras pessoas. É um processo que se diferencia dos fatores inatos (a capacidade de digestão, por exemplo, que já nasce com o indivíduo) e dos processos de maturação do organismo, independentes da informação do ambiente (a maturação sexual, por exemplo). Em Vygotsky, justamente por sua ênfase nos processos sócio-históricos, a ideia de aprendizado inclui a interdependência dos indivíduos envolvidos no processo. (...) o conceito em Vygotsky tem um significado mais abrangente, sempre envolvendo interação social. (OLIVEIRA, 1995, p. 57)

Ou seja, o fato de o ensino remoto dificultar o contato social de muitos estudantes que não têm acesso à tecnologia necessária, contato este inerente ao convívio dentro da escola, prejudica drasticamente o processo de aprendizagem tanto para alunos quanto para professores, uma vez que, para esses estudantes, sua formação se dá apenas por atividades impressas sem o contato direto com o professor e colegas de sala de aula virtual. A respeito disso, Freire (2001) complementa dizendo que ensinar a ler a palavra e o mundo é uma experiência que gira em torno da compreensão e que, por sua vez, gira em torno da comunicação que resulta da experiência escolar cotidiana. Essa experiência, no ensino remoto, está acontecendo por meio dos computadores e *smartphones*. O que podemos perguntar é se essa relação é capaz de substituir a comunicação presencial, sendo suficiente para que seja estabelecido o nível de interação necessário ao cotidiano escolar. Ademais, se, segundo Freire (2001, p. 264), o ato de ensinar requer a criticidade de fazer uma “leitura do contexto”, cabe aqui mais um questionamento: como é possível ao professor fazer tal leitura no contexto do ensino remoto?

A escola e o convívio com os demais estudantes e professores desempenham um papel fundamental como mecanismo motivador do estudante, uma vez que o ato de estudar implica que o indivíduo “se arrisque, se aventure” (FREIRE, 2001, p. 264). No contexto do ensino remoto, essa aventura implica vários aspectos, como a mudança abrupta de modalidade de ensino, a mudança radical e rápida nos papéis discentes e docentes e os usos das tecnologias digitais com fins pedagógicos. Diante dessa nova realidade, o professor, sozinho, frente ao computador, se viu obrigado a aprender mecanismos suficientes para motivar o estudante a transpor as barreiras do isolamento so-

cial e desenvolver novas formas de se aventurar no processo de ensino-aprendizagem. Esse processo pode gerar um certo desinteresse em parte dos estudantes, o que acaba desmotivando também os professores por não receberem validação para os esforços extras realizados por eles.

Ainda perpassando todas essas dificuldades, sendo, possivelmente, a maior delas, tem-se a desigualdade social, mais uma vez reinante, impedindo o acesso eficaz ao ensino remoto. Segundo Freire (2001), o uso dos instrumentos adequados e necessários para uma boa aprendizagem se faz indispensável. No entanto, o próprio autor acentua como a situação desigual do país não possibilitava isso, uma vez que as discrepâncias entre os poderes aquisitivos dentro da comunidade dos professores e dos alunos impediam o acesso igualitário aos instrumentos adequados para a manutenção da educação de qualidade. Aqui, o autor, embora em obra de 2001, dá respaldo para as manifestações feitas por parte de alguns professores contra o ensino remoto no Brasil, uma vez que, segundo ele, “Reivindicar esse material é um direito e um dever de professores e estudantes” (FREIRE, 2001, p. 266). Ou seja, visto que não existem condições para a implementação igualitária dessa forma de ensino, é direito e dever dos professores e estudantes manifestarem-se contra ela.

Nesse sentido, a relação dos professores com o ensino remoto não é, de modo algum, das melhores. A maioria dos professores se vê frustrada frente às incertezas e inseguranças que as dificuldades impostas pelo novo modelo proporcionam, o que é preocupante, uma vez que afeta até mesmo a saúde mental dos docentes. Essa relação é vista, por exemplo, quando analisada a fala da professora Elisa Goulart em entrevista dada ao *site* Brasil de Fato em maio do 2020:

Eles têm tentado nos convencer de que nós somos protagonistas nesse processo. Tem muita risada, piada e meme a esse respeito, inclusive. A gente é protagonista, mas eles dizem que você pode mexer nos conteúdos que a sede está mandando, mas dizem que não deve mexer muito, não é aconselhável. Dizem que você pode tirar as atividades, mas aí o aconselhável depois é não tirar. (SAMPAIO, 2020, s.p)

Professores da rede de ensino superior da educação brasileira também têm essa visão caótica do ensino remoto. É o que fica explícito na fala do professor Daniel Cara, professor da Faculdade de Educação da USP. Segundo ele:

Esse vai ser um período mais do que perdido. Eu lamento dizer para os pais que acreditam nisso, que não está funcionando. As crianças estão ficando esgotadas e não estão apren-

dendo. No fim da pandemia, essas crianças vão ter problemas decorrentes de saúde mental, pela pressão que está sendo exercida. (BERNARDES, 2020, s.p)

Para o professor, a interferência desse período do ensino remoto não acontecerá apenas agora, ou seja, seus efeitos se prolongarão, pois os estudantes que iniciaram seus processos educacionais agora estarão grandemente defasados, dado que, citando Paulo Freire, o professor afirma que os estudantes, desde a fase inicial do processo educacional, precisam do contato social com seu grupo para que suas capacidades sejam plenamente desenvolvidas.

Ainda de acordo com o *site*, o professor Gilmar Soares, secretário de Assuntos Educacionais da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), afirma que o ensino remoto é uma “tragédia” para a educação brasileira, visto que essa modalidade de ensino intensifica os efeitos da exclusão proveniente da desigualdade social. Segundo o professor:

Vai aprofundar as desigualdades, por exemplo, entre as escolas privadas e as públicas, vai atuar do ponto de vista de aprofundar o quadro de exclusão que nós temos com relação às escolas indígenas, quilombolas, do campo, na educação especial. (SOARES apud SAMPAIO, 2020, s.p)

Além das questões da desigualdade de condições de acesso ao ensino remoto, de acordo com Lúcia Dellagnelo, diretora-presidente do CIEB (Centro de Inovação para a Educação Brasileira), o ensino remoto e o ensino híbrido, da forma como têm acontecido, proporcionaram uma espécie de aprendizagem para os gestores do ramo educacional brasileiro. Segundo a professora, o sistema híbrido de ensino já devia ser recorrente antes que a pandemia o obrigasse a acontecer e, agora, deve ser desenvolvido para que continue acontecendo no cenário pós-pandêmico. Para Dellagnelo:

Agora foi a pandemia, mas podem haver eventos climáticos e outros motivos para ter que fechar a escola. Além disso, o ensino híbrido amplia as experiências de aprendizagem dos jovens e aproxima a educação da maneira como vivem hoje, permeada pela tecnologia. A escola precisa ser um ambiente mais contemporâneo. (DELLAGNELO apud NOGUEIRA, 2020, s.p)

Entretanto, de acordo com a pesquisa TIC educação (2019) sobre acesso e uso de tecnologia por estudantes, 33% dos alunos de ensino fundamental e médio ainda não possuem com-

putadores ou *tablets* em casa, o que inviabiliza a manutenção do ensino virtual na realidade desses alunos. Segundo Daniela Costa, coordenadora da pesquisa:

o grande aprendizado deste período está realmente nas diferenças de contexto entre alunos, professores e escolas. As desigualdades são multidimensionais, o que faz com que sejam mais intensas para alguns alunos do que para outros, mesmo entre estudantes que frequentam a mesma escola e moram no mesmo bairro, uma vez que são determinadas por suas condições sociodemográficas. De acordo com os dados, os alunos de escolas públicas enfrentam de forma mais intensa estes desafios. (COSTA apud NOGUEIRA, 2020, s.p)

Assim, muitos alunos das escolas públicas, onde se percebe uma heterogeneidade entre seus estudantes em relação às condições econômicas, não podem arcar com pacotes de *internet* e/ou aparelhos eletrônicos para acesso às aulas remotas, o que aumenta muito mais os desafios de vários estudantes que podem ficar para trás.

## O ensino remoto na visão de dois professores da educação básica do Distrito Federal

Para melhor perceber os impactos do ensino remoto na categoria dos professores, realizamos também entrevista escrita realizada por via do *WhatsApp* composta por seis perguntas, com dois professores que atuam na Educação Infantil e no Ensino Fundamental – Anos Iniciais.

A primeira pessoa entrevistada é uma professora com vinte anos de experiência na profissão que atua na Educação Infantil em uma escola pública de Santa Maria - DF. Possui pós-graduação *latu senso* em psicopedagogia e será identificada por Vera, nome fictício para preservar o sigilo das informações. O segundo entrevistado é um professor formado em Pedagogia e História, com nove anos de experiência e, atualmente estudante de mestrado, que atua em uma turma do 5º ano do

Ensino Fundamental, Anos Iniciais, na Regional de Ensino de Samambaia. Seu nome fictício será Abdoral.

Apresentamos, abaixo, as perguntas e respostas da entrevista.

**Pergunta 1- Diante da Pandemia da Covid- 19, você tem atuado no ensino remoto. Como tem sido a sua comunicação com os estudantes?**

Abdoral: Por meio do WhatsApp e pelo Google Meet por meio das aulas síncronas.

Vera: A comunicação tem sido realizada através da plataforma Google Sala de Aula e pelo Whatsapp.

**Pergunta 2- Quais são as principais facilidades e dificuldades encontradas no ensino remoto no que diz respeito à participação dos estudantes na plataforma?**

Abdoral: Dificuldades:

Falta de tecnologias por parte dos estudantes;

Inexperiência com a plataforma virtual;

Ineficiência para o acompanhamento adequado da aprendizagem das crianças;

Vera: Muitos são os desafios, o principal é manter os(as) estudantes presentes na plataforma acessando as aulas, pois como são pequenos necessitam do auxílio da família. As famílias não dispõem de tempo devido ao seu trabalho para ajudar nas atividades. Outro fator que dificulta é a falta de aparelho ou internet na casa do(a) estudante.

**Pergunta 3- Todos conseguem acessar a plataforma usada no ensino remoto? Se não, quais estratégias são adotadas para atender os estudantes que não acessam?**

Abdoral: Nem todas as crianças estão conseguindo acessar a plataforma e, com isso, estamos disponibilizando atividades impressas e interagindo com as crianças por meio de WhatsApp.

Vera: A maioria sim. Aqueles que não conseguiram acessar, a escola disponibilizou as atividades impressas.

**Pergunta 4 - Na sua concepção, os estudantes estão demonstrando um desenvolvimento satisfatório através do ensino remoto? Por quê?**

Abdoral: De forma limitada, porque é complexo para as crianças aprenderem sozinhas com os conteúdos postados e as aulas síncronas são insuficientes para debater todo o conteúdo.

Vera: Este ponto é bem delicado, fica muito difícil avaliar, pois as atividades devolvidas muitas vezes não condizem com

a realidade, visto que muitas vezes são realizadas com a interferência do responsável.

O mesmo não permite que o(a) estudante realize de forma autônoma.

**Pergunta 5 - Como avalia a sua jornada de trabalho no ensino remoto em relação ao trabalho presencial?**

Abdoral: Cansativa, exaustiva e, sem sentido, se levado em conta que educação se dá com o outro. Percebo que, no trabalho remoto, as atividades se estendem ao longo do dia e, nesse sentido, se quebra a rotina de organizarmos cada coisa no seu devido horário e espaço.

Vera: Vejo que estou trabalhando muito mais, passando das 8 horas de trabalho. Muito tempo exposta as telas elaborando atividades, em reuniões, criando vídeos e o resultado com a turma nem sempre é atingido.

**Pergunta 6- Gostaria de relatar algo que considera relevante e não foi abordado nesta entrevista?**

Abdoral: É muito importante relatar que as atividades cotidianas do professor de educação básica no mínimo triplicaram. O professor tem que alimentar a plataforma com várias temáticas sem material de apoio, preparar material impresso, organizar documentos a serem entregues na secretária da escola e, obviamente, estudar, preencher diários e avaliar por meio de formulários postados na plataforma. Ainda sobre o assunto, a avaliação ficou prejudicada porque o professor não tem o contato direto necessário para observar o processo de aprendizagem da turma e, nesse sentido, o preenchimento dos relatórios do estudante fica superficial e insuficiente.

Ademais o aumento de problemas de visão, audição, cansaço diante de um sistema que desprivilegia as pessoas.

Vera: Tivemos que nos adaptar à nova modalidade de ensino e aprender a usar a tecnologia e seus recursos a nosso favor, mas muitos colegas professores não se adaptaram a essa realidade e muitos hoje estão afastados por não suportar a demanda de trabalho diária.

Nesse contexto, percebe-se que a fala dos docentes converge com os autores trazidos aqui no decorrer do texto, como, por exemplo, em relação ao fato de que nem todos os estudantes acessam a sala virtual em decorrência de falta de aparelhos eletrônicos. Assim, o material impresso disponibilizado pelos docentes não é garantia de que contribua para aprendizagem dos estudantes, tendo em vista que nem todos os pais têm formação para mediar de forma satisfatória a garantir o conhecimento acadêmico das crianças.

Outra questão importante é que, para os docentes, a jornada de trabalho está mais cansativa devido à quebra de rotina



dos profissionais de educação, a ponto de relatarmos que muitos colegas estão adoecendo em virtude do aumento das horas de trabalho acima da carga horária prevista em lei e das tarefas pedagógicas exigidas no ensino remoto.

Outro aspecto abordado por Vera diz respeito à avaliação das aprendizagens dos estudantes, que, em razão da falta do contato presencial, torna-se superficial e insuficiente, até mesmo porque não sabe como o estudante realizou a atividade.

## CONCLUSÃO

A partir dos pontos supramencionados, pode-se perceber, então, que o ensino remoto, por mais que tenha como intenção o aproveitamento do ano letivo, pode acabar desempenhando um papel diferente do esperado, vindo a ter, inclusive, um efeito rebote, ceifando o desejo tanto de estudantes como de professores em se manter ativos no processo de ensino-aprendizagem.

Assim, os empecilhos do ensino remoto são numerosos, pois, de acordo com Saviani e Galvão (2021), “é empobrecido não simplesmente pela existência de uma frieza entre os participantes em uma aula síncrona, mas também pelas dificuldades pelas questões tecnológicas”. E, portanto:

Seu esvaziamento se expressa na impossibilidade de se realizar um trabalho pedagógico sério com o aprofundamento dos conteúdos de ensino, uma vez que essa modalidade não comporta aulas que se valham de diferentes formas de abordagem e que tenham professores e alunos com os mesmos espaços, tempos e compartilhamentos da educação presencial. (SAVIANI; GALVÃO, 2021, p. 42)

As dificuldades perpassam as mais diversas áreas, sendo a maioria delas influenciadas e afetadas pela desigualdade social que assola o país em que estamos inseridos. Dessa forma, para que o ensino remoto fosse viabilizado com total sucesso, seria necessária uma completa reforma social no país, o que, na atual conjuntura, é, de certa forma, utopia, tornando a possibilidade de um ensino remoto acessível e igualitário quase que inexistente. Nesse contexto, destacamos que:

o indivíduo precisa aprender para se desenvolver e que isso se dá em primeiro lugar na relação com o outro. Vale dizer que esse “outro”, na escola, é o professor, pois possui as condições de identificar as pendências afetivo-cognitivas que precisam ser suplantadas e que podem promover o desenvolvimento. Minimizar a função do educador na prática pedagógica é desqualificar a profissão e a profissionalidade da categoria

docente, pois qualquer um e em quaisquer condições precárias poderia se arvorar a realizar o trabalho educativo escolar. (SAVIANI; GALVÃO, 2021, p. 42)

Dessa forma, é possível chegar também ao entendimento de que o convívio social dos estudantes com o professor faz parte das bases necessárias aos processos de aprendizagem e que, sem ele, a aprendizagem se vê dificultada e sem perspectiva de sucesso. Ou seja, o ensino remoto, pelo menos nas fases iniciais da educação, na educação básica, não se sustenta, pois os indivíduos inseridos nesses contextos ainda precisam do contato com o outro como mecanismo de estruturação.

A partir disso, então, percebe-se a necessidade de maiores estudos acerca do tema, que, anteriormente à pandemia mundial, ainda não era alvo de estudos tão detalhados. Nota-se que a questão do ensino remoto perpassa estudos nas mais diversas áreas, quais sejam: educação, tecnologia, sociologia, economia, direito, psicologia etc. Todas essas áreas necessitam desenvolver e aprofundar estudos relacionados ao tema com vistas a uma melhor formação dos professores para o processo de ensino-aprendizagem momentos de dificuldade como o enfrentado pelo país atualmente.

Assim, acreditamos que, por mais que o ensino remoto tenha como vantagem a manutenção do ano letivo, possibilitando a continuação da educação, há também as desvantagens que desigualam ainda mais os estudantes brasileiros de escolas públicas, limitando o acesso ao ensino como observamos em Saviani e Galvão (2021, p. 39), afirmando mais ainda que a educação não pode acontecer de modo “não presencial”. É fundamental a interação presencial dos alunos e professores em sala de aula, não bastando os encontros síncronos, o que modela a continuação das aulas remotas como uma prática pedagógica insuficiente, contribuindo para que tal modalidade não seja vista por pesquisadores, professores, pais e sindicatos como sendo a melhor modalidade educacional para o contexto brasileiro.

## REFERÊNCIAS

ALVES, L *Interfaces Científicas*. Fluxo Contínuo. v. 8, nº 3, p. 348 - 365, Aracaju, 2020.

ANDES-SN. Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior - ANDES-SN. Grupo de Trabalho de Política Educacional. Projeto do capital para a educação, volume 4: O ensino remoto e o desmonte do trabalho docente. 2020. Disponível em: <https://www.andes.org.br/diretorios/files/renata/setembro/>

[cartilha%20ensino%20remoto.pdf](#). Acesso em 15 de abril de 2021.

SAVIANI, D.; GALVÃO, A. C.. **Educação e Pandemia**: A falácia do “ensino remoto”. Brasília-DF: Universidade e sociedade, v. 4, n. 67, 2021. Disponível em: [file:///C:/Users/usuario/Downloads/66ab954ec8f021a1b9ee3f68b131266d\\_1611672555.pdf](file:///C:/Users/usuario/Downloads/66ab954ec8f021a1b9ee3f68b131266d_1611672555.pdf). Acesso em: 15 de abril de 2021.

BERNARDES, J. “**Esse vai ser um período mais do que perdido para a educação**”, afirma Daniel Cara. São Paulo-SP: Brasil de Fato, 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/04/25/esse-vai-ser-um-periodo-mais-do-que-perdido-para-a-educacao-afirma-daniel-cara>. Acesso em: 19 de nov. de 2020.

CHRISTENSEN, C. M.; HORN, M. B.; STAKER, H. Is K-12 **Blended Learning disruptive**? An introduction to the theory of hybrids. [S. l.]: Clayton Christensen Institute, 2013. Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED566878.pdf>

AGÊNCIA SENADO. Elisa Chagas. DataSenado: quase 20 milhões de alunos deixaram de ter aulas durante pandemia. 12/08/2020. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/08/12/datasenado-quase-20-milhoes-de-alunos-deixaram-de-ter-aulas-durante-pandemia>. Acesso em: 15 de abril de 2021.

FREIRE, P. **Carta de Paulo Freire aos Professores**. Estudos Avançados, v.15, n° 42, p. 259 – 268, São Paulo, 2001.

MARTINS, V.; ALMEIDA, J. Revista Docência e Cibercultura. Educação em tempos de pandemia no brasil: saberes fazeres escolares em exposição nas redes e a educação on-line como perspectiva. Rio de Janeiro: v. 4, n. 2, 2020.

MILLS, C. **A imaginação Sociológica**. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

NOGUEIRA, F. **Ensino remoto**: o que aprendemos e o que pode mudar nas práticas e políticas públicas. São Paulo: Por Vir, 2020. Disponível em: <https://porvir.org/ensino-remoto-o-que-aprendemos-e-o-que-pode-mudar-nas-praticas-e-politicas-publicas/>. Acesso em: 18 nov. 2020.

OLIVEIRA, M. **Vygotsky**: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico. 3. ed. São Paulo: Scipione, 1995.

SAMPAIO, C. Professores, pais e alunos apontam dificuldades e limitações do ensino a distância. Brasília-DF: Brasil de Fato, 2020.

Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/05/04/professores-pais-e-alunos-apontam-dificuldades-e-limitacoes-no-ensino-a-distancia>. Acesso em: 19 de nov. 2020.

SAMPAIO, R. Práticas de ensino e letramentos em tempos de pandemia da COVID-19. Research, Society and Development, v. 9, n. 7, 2020.

TRIVIÑOS, A. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

## CURRÍCULOS

\* Professora: Mestranda em Educação na Universidade de Brasília, especializada em Docência do Ensino Superior pela Faculdade de Ciências, Educação e Tecnologia Darwin, graduada em Licenciatura em Informática pela Faculdade Católica de Brasília, é Servidora Efetiva do Magistério Público da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF) desde 2014. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9975854756014341>

\*\* Professor efetivo da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF) desde 2001, possui graduação em Pedagogia-Formação de Professores para as Séries Iniciais (UNICEUB) e Licenciatura em Matemática (UNITINS). É especialista em Gestão e Orientação Educacional pela Faculdade de Ciências, Educação e Tecnologia Darwin e Mestre em Educação pela Universidade de Brasília/ UnB. Membro do Grupo de Pesquisa Materialismo Histórico Dialético em Educação (CONSCIÊNCIA) FE/UnB coordenado pelo prof. Dr. Erlando da Silva Rêses. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8681646178478354>